

Veja

21/7/1999

Perfil

O homem que rima números

Ex-bóia-fria e ex-coroinha, Joelson Beting faz versos para explicar a economia

Ricardo Galuppo

Logo diante da porta do escritório do jornalista Joelson Beting, no 2º andar da casa onde ele mora, em São Paulo, há uma foto do padre Donizetti Tavares de Lima. Na parede branca, ao lado de uma estante lotada de livros sobre economia, a moldura com a foto do padre tem mais destaque do que o retrato oficial do presidente da República em repartição pública. Padre Donizetti é o mesmo a quem o goleiro Zetti, do Santos Futebol Clube, e outros 2,7 milhões de brasileiros devem o nome. Beting, que foi coroinha, aluno e amigo de Donizetti, atribui ao padre a responsabilidade pela mudança radical no rumo de sua vida. Dos 7 aos 16 anos, ele foi bóia-fria nas lavouras de cana-de-açúcar e de café do interior de São Paulo. (Seu pai, Sebastião, morreu ao cair da carroceria de um caminhão que o levava para trabalhar na colheita.) Por recomendação do padre, Beting deixou sua cidade natal, Tambaú, para estudar em São Paulo. Hoje, aos 62 anos, ele tem lugar de destaque no primeiro time dos analistas de economia e é um dos jornalistas mais bem pagos do país. Aceita de doze a quinze convites para conferências por mês. Cobra de 7 700 a 11 000 reais para falar durante algumas horas para platéias de empresários, de executivos e de profissionais liberais. Feitas as contas pela média, percebe-se que ele ganha, só com as conferências, mais de 1 milhão de reais por ano.

Dono de um estilo elegante e claro, Beting é uma raridade entre seus colegas da crônica econômica. Na coluna diária que publica nos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo e nos comentários que faz na Rede Globo trata dos temas mais áridos como se estivesse contando histórias para crianças. "Beting tem a cortesia da clareza no jornalismo econômico", diz o ex-ministro do Desenvolvimento, Celso Lafer. Ele não simplifica os temas, ele esclarece. As frases escritas por Beting têm métrica e rimas. Os textos são guiados por metáforas. "Para se fazer entender você precisa repetir uma mesma idéia até cansar. Por mais óbvia que ela seja", recomenda o jornalista, reproduzindo uma frase marcante que escutou em 5 de março de 1961. A lição é inesquecível porque Beting a ouviu do escritor Nelson Rodrigues, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Foi Rodrigues quem deu a ele, na época cronista de esportes, a fórmula que até hoje utiliza em seus textos.

A data é memorável porque, naquele dia, num jogo entre Santos e Fluminense, Beting de certa forma entrou para a história do futebol. O Santos vencia a partida por 1 a 0 quando Pelé recebeu a bola no meio do campo e arrancou em direção ao gol adversário. Passou entre dois, driblou mais três e chutou na saída do goleiro Castilho. Beting, como todos os que viram o gol, ficou encantado. Na volta a São Paulo sugeriu que o jornal O Esporte, onde trabalhava, mandasse fazer uma placa de bronze para registrar a beleza do lance. A sugestão foi aceita. Ele encomendou a placa e pagou com dinheiro do próprio bolso (até hoje não foi ressarcido). Na semana seguinte, mandou afixá-la na entrada do Maracanã. Foi Joelson, portanto, o criador da expressão gol de placa, sinônimo de gol inesquecível. "Nunca fiz um gol de placa, mas fiz a placa do gol", diz.

Gols de placa mesmo Beting tem marcado no decorrer de sua carreira de analista econômico, iniciada em meados dos anos 60. O mais recente desses gols foi assinalado logo no primeiro minuto da partida que o real disputou contra o dólar no início deste ano. A maioria dos analistas acreditava que a moeda brasileira perderia feio aquela peleja. Passaria a valer uma ninharia

em relação ao dólar e, em seguida, seria goleada pela inflação. Desde o início, Beting acreditou que nada disso aconteceria. Manteve sua confiança na vitória da economia brasileira mesmo quando pessoas de dentro do próprio governo começaram a duvidar da capacidade de o real resistir aos especuladores. Foi tão enfático que, num daqueles dias conturbados, o economista João Pedro Stedile, coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, disse que o salário de Beting deveria ser pago não pelos jornais que publicam sua coluna, mas pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

No final, o dólar não subiu e a inflação não explodiu. "Mostrar que o Brasil não é a Rússia dá trabalho e não tem charme. Investir no piorômetro é mais verossímil e mais seguro. Ainda que não mais verdadeiro nem mais honesto", escreveu em sua coluna. "Joelmir tem uma confiança básica na capacidade de o país superar seus problemas", diz o ministro da Fazenda, Pedro Malan. "No momento da crise, ele demonstrou mais fé do que os outros no comportamento da economia brasileira", completa o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega. "Ele sempre foi um otimista."

A questão é: por que Beting acerta mais do que os outros? Em primeiro lugar, porque ele só escreve sobre um determinado assunto depois de haver estudado o tema em profundidade. "Você só consegue explicar aquilo que entendeu", observa. Também tem influência sua facilidade em estabelecer uma relação entre a estatística e a realidade. Por último, pode-se dizer que ele tem compromisso com o acerto. E não em fazer marolas. A qualidade de pesquisador rigoroso, lembra ele, foi descoberta no tempo em que recebeu lições de filosofia do padre Donizetti e aperfeiçoada sob a influência de dois de seus professores na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde estudou sociologia no início dos anos 60. Os mestres cobravam dos alunos a leitura de cinco ou seis livros por semana e a elaboração de fichas-resumo de cada obra. Um desses professores chamava-se Florestan Fernandes, um dos pais da sociologia brasileira. O outro, mais jovem, chamava-se Fernando Henrique Cardoso.

Até hoje é Beting, com a ajuda de uma única secretária, quem faz a pesquisa para as colunas que escreve. Até algum tempo atrás, ele contava com a ajuda da mulher, Lucila Zioni Beting. Os dois se conheceram na Rádio 9 de Julho, da diocese de São Paulo, onde trabalhavam, ele como noticiarista e ela como discotecária. Quando passou a escrever sobre economia, ela passou a ajudá-lo. Lucila deixou o trabalho para se dedicar à Oficina de Bordado Santo Antônio, uma espécie de ONG que o casal criou e mantém na favela Jardim Panorama, na região do Morumbi, em São Paulo. A oficina garante renda de 400 reais por mês a sessenta famílias pobres do lugar. Esse é outro traço de Beting. Ele é um católico praticante que, inclusive, testemunhou perante a Congregação das Causas dos Santos, do Vaticano, no processo de beatificação de seu amigo e protetor, o padre Donizetti. Quando adolescente, diz ele, havia assistido a uma missa celebrada por Donizetti em sua cidade. Ao chegar em casa horas depois, encontrou o irmão Jurandir. E ouviu que o padre estivera numa festa numa cidade vizinha no exato instante em que celebrava a missa na matriz de Tambaú. Outras pessoas falaram da mesma festa. Joelmir duvidou do irmão e foi perguntar a Donizetti que história era aquela de ele haver estado em dois lugares ao mesmo tempo. Ouviu: "Para quem não crê, nenhuma explicação é possível. Para quem crê, nenhuma explicação é necessária".

No escritório, além da foto do padre Donizetti, há retratos dos filhos Gianfranco, de 35 anos, publicitário, e Mauro, de 32, jornalista. Sob o tampo de vidro da mesa de trabalho, próximas ao teclado do PC em que Beting escreve suas colunas, cinco fotos do neto Lucca, de 1 ano, filho de Mauro. E, na estante, algumas fotos da equipe do Palmeiras, campeã da Taça Libertadores da América deste ano. Beting é palmeirense de dar festa toda vez que o time ganha um título importante. E já reservou passagem e hotel em Tóquio, para onde vai no fim do ano assistir à partida do Palmeiras contra a equipe inglesa do Manchester United, pela disputa do título mundial interclubes. "Seremos campeões", prevê. Os palmeirenses torcem para que, em

matéria de futebol, Beting seja tão preciso quanto na análise econômica. Os torcedores dos outros times... Bem, deixe isso para lá.

(Páginas 96 e 97)